

# REFLEXÕES SOBRE ATITUDES LINGUÍSTICAS EM ESPAÇO DE LÍNGUAS EM CONTATO: O CONTEXTO DE FRONTEIRA

REFLEXIONES SOBRE ACTITUDES LINGÜÍSTICAS EN ESPACIO DE LENGUAS EN  
CONTACTO: EL CONTEXTO DE FRONTERA

REFLECTIONS ON LANGUAGE ATTITUDES IN SPACE OF LANGUAGES IN CONTACT: THE  
BORDER CONTEXT

**Aparecida Feola Sella\***

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

**Vanderici de Andrade Aguilera\*\***

Universidade Estadual de Londrina

**Clarice Cristina Corbari\*\*\***

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

**RESUMO:** Apresentam-se, neste artigo, reflexões sobre resultados do Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato*. Para o desenvolvimento desta pesquisa, de natureza qualitativa, considerou-se a realidade do contexto de fronteira do Brasil com o Paraguai que caracteriza a região Oeste do Paraná. Selecionaram-se recortes de falas dos informantes, participantes do projeto, com relação ao espanhol e ao guarani como “língua falada pelo outro em região de fronteira”. Trata-se de informantes moradores da cidade de Guaíra, localizada na fronteira com o Paraguai e com o estado do Mato Grosso do Sul. Evidenciaram-se, nos depoimentos, atitudes que revelam preconceito ou estigma com relação ao falar do outro em região de fronteira e mesmo com relação à variante padrão do português.

**PALAVRAS-CHAVE:** Atitudes linguísticas. Línguas em contato. Fronteira. Espanhol. Português.

**RESUMEN:** Se presentan, en este artículo, reflexiones sobre resultados del Proyecto *Creencias y actitudes lingüísticas: un estudio de la relación del portugués con lenguas de contacto*. Para el desarrollo de esta investigación, de naturaleza cualitativa, se consideró la realidad del contexto de frontera de Brasil con Paraguay que caracteriza la región Oeste de Paraná. Se seleccionaron recortes de

---

\* Doutora em Letras. Docente do Curso de Graduação em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras – Linguagem e Sociedade e do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). E-mail: [afsella@yahoo.com.br](mailto:afsella@yahoo.com.br).

\*\* Doutora em Letras. Docente do Curso de Graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: [vanderici@uel.br](mailto:vanderici@uel.br).

\*\*\* Doutora em Letras. Docente do Curso de Graduação em Letras e do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). E-mail: [ccorbari@yahoo.com.br](mailto:ccorbari@yahoo.com.br).

palabras de los informantes, participantes del proyecto, con relación al español y al guaraní como “lengua hablada por el otro en región de frontera”. Se trata de informantes moradores de la ciudad de Guaíra, ubicada en la frontera con Paraguay y con el estado Mato Grosso do Sul. Mostraron, en las declaraciones, actitudes que revelan prejuicio o estigma en relación al hablar del otro en la región fronteriza e incluso con respecto a la variante norma del portugués.

PALABRAS CLAVE: Actitudes lingüísticas. Lenguas en contacto. Frontera. Español. Portugués.

ABSTRACT: This paper presents some reflections on the results of the Project *Language beliefs and attitudes: a study on the relationship between Portuguese and contact languages*. In order to carry out this qualitative research, we considered the reality of the border context between Brazil and Paraguay that characterizes the West of Paraná. We selected excerpts of the respondents' statements regarding Spanish and Guarani as “a language spoken by the other in the border region”. These informants live in Guaíra, a city located on the border of Paraguay and the state of Mato Grosso do Sul. Their statements indicate prejudiced attitudes or stigma in relation to the language varieties spoken on the border region and even to the standard Portuguese.

KEYWORDS: Language attitudes. Language contact. Border. Spanish. Portuguese.

## 1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, tecem-se reflexões sobre resultados do Projeto *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato*<sup>1</sup> (doravante CAL), coordenado pela pesquisadora Professora Vanderci de Andrade Aguilera. O projeto foi desenvolvido no período de 2008 a 2009, em termos de coleta e transcrição de dados, e, a partir dessa data, os resultados vêm sendo apresentados em artigos, dissertações e teses, além de comunicações de trabalhos em eventos. Citam-se, como exemplos, trabalhos realizados em nível de pós-graduação *stricto sensu*: as dissertações de Silva-Poreli (2010), Pastorelli (2011) e Santana (2012), e as teses de Corbari (2013) e Lamb Fenner (2013).

Os inquéritos gerados no Projeto CAL resultam da coleta em oito localidades do estado do Paraná, caracterizadas pelo histórico de contato linguístico: Santo Antônio do Sudoeste, Pranchita, Capanema, Foz do Iguaçu, Marechal Cândido Rondon, Guaíra, Ponta Grossa e Irati. As seis primeiras estão localizadas em espaço fronteiriço (regiões Oeste e Sudoeste do Paraná) e as duas últimas se situam na região central do estado. O instrumento de coleta de dados foi um questionário com 47 questões, baseado em Bergamaschi (2006), aplicado em forma de entrevistas. Em cada localidade, foram realizados dezoito inquéritos – exceto em Foz do Iguaçu, onde se realizaram 36 inquéritos – com informantes selecionados a partir das variáveis sexo, faixa etária e nível de escolaridade.

Para este artigo, foram selecionadas e avaliadas respostas dadas pelos informantes de Guaíra, localizada na região Oeste do Paraná, na fronteira com o Paraguai e com o estado de Mato Grosso do Sul. O limite geográfico entre Guaíra e essas localidades – mais especificamente, o município mato-grossense de Mundo Novo e a cidade paraguaia de Salto del Guairá – é definido pelo rio Paraná, com acesso pela ponte Ayrton Senna. Ressalta-se que Salto del Guairá se caracteriza por intensa atividade comercial e turismo de compras, o que resulta em um cenário de significativo contato linguístico e cultural entre brasileiros e paraguaios.

Este estudo se concentra nas respostas dos guairenses com relação ao espanhol e ao guarani como “língua falada pelo outro em região de fronteira”. Não foram consideradas as variáveis que nortearam a seleção de informantes para os inquéritos, pois a atenção voltou-se para o conteúdo das respostas que indicam a relação do falante de português como língua materna com o falante que tem como línguas maternas o espanhol, o guarani ou mesmo o jopará. Trata-se, portanto, de uma análise qualitativa, pautada pelo referencial teórico referente aos estudos das atitudes linguísticas.

<sup>1</sup> Trata-se de um trabalho interinstitucional, integrando a Universidade Estadual de Londrina (UEL), a Universidade Estadual de Maringá (UEM), a Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), a Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná (Unicentro) e, como ponto de convergência, a Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), que obteve apoio da Fundação Araucária para seu desenvolvimento.

Com relação à designação das variedades, entende-se, neste trabalho, o termo ‘espanhol’ com o significado atribuído por Carreter (2008, p. 166-167): “Lengua románica nacional de España y de casi todos los pueblos que constituyeron el antiguo Imperio español. [...] El español es la continuación histórica del dialecto de Castilla, por lo que recibe también el nombre de castellano.” Definição semelhante de ‘espanhol’ é dada por Ferreira (2004) e pelo Houaiss eletrônico (2009), da mesma forma que ocorre com relação à definição de ‘guarani’, que é um ramo do grupo de línguas tupi-guarani: trata-se de “[...] la lengua dominante en la República de Paraguay” (CARRETER, 2008, p. 393-394). Quanto ao ‘jopará’, Navarro (2004, p. 131) esclarece que se trata do “[...] guarani paraguaio com grau máximo de interferência do castelhano”. O termo não está dicionarizado em Houaiss (2009), nem em Ferreira (2004).

O que está na pauta desta discussão são as evidências que demarcam, nos depoimentos, crenças com relação ao falar do outro em região de fronteira e mesmo com relação à variante padrão do português. O estudo revela relações culturais e linguísticas típicas de região de fronteira e, ao mesmo tempo, de ocupação por (i)migrantes. Espera-se contribuir com estudos que considerem essa realidade multifacetada de constituição da cultura brasileira, que se caracteriza também pela cultura e pelos falares dos países vizinhos, além da cultura e das variedades linguísticas dos grupos étnicos aqui estabelecidos (imigrantes europeus e asiáticos e grupos indígenas).

## 2 LÍNGUA, IDENTIDADE E ATITUDE LINGUÍSTICA

As relações existentes em comunidades fronteiriças revelam posturas muito peculiares de línguas (e culturas) em contato. A fronteira do Paraná com o Paraguai propicia a convivência de culturas distintas que se entrecruzam na necessidade de interação, quer pelo turismo, quer pelo comércio, quer por outros modos de relação.

Os falantes, de forma distinta, a depender de como ocorre o fluxo de deslocamento de um país para outro, aprendem a conviver com a multiculturalidade e com conflitos e assentimentos decorrentes desse convívio. O comportamento dos falantes pode ser objeto de reflexões teóricas, uma vez que estudos sociolinguísticos (como, por exemplo, os já apontados na introdução deste estudo), há algum tempo, vêm acenando para a manifestação de atitudes decorrentes da avaliação do “outro”, do diferente, por meio da língua.

Nesse sentido, importa pontuar o que se entende por atitude, cujo estudo foi inaugurado pela Psicologia Social. Segundo Lambert e Lambert (1966, p. 78), “[...] uma atitude é uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante”. Convém ressaltar que, neste estudo, entende-se que as crenças são um dos componentes da atitude.

Na área da Sociolinguística, Moreno Fernández (1998) fornece grande contribuição para o entendimento do fenômeno das atitudes dos falantes em situação de contato linguístico e, portanto, cultural. O autor insiste na

[...] importancia que los estudios de las actitudes tienen, en el campo de la sociolingüística, para conocer más profundamente asuntos como la elección de una lengua en sociedades multilingües, la inteligibilidad, la planificación lingüística o la enseñanza de lenguas; además las actitudes influyen decisivamente en los procesos de variación y cambio lingüísticos que se producen en las comunidades de habla. (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 179)

Os apontamentos do autor embasaram a coleta de dados do Projeto CAL, de modo que seus postulados são seguidos nas análises aqui referenciadas. Na avaliação das respostas dos falantes entrevistados em Guairá, observou-se certo direcionamento no que tange às atitudes linguísticas, considerando-se as línguas faladas no contexto. Em muitas partes das falas dos informantes, manifestam-se valores afetivos e conotações de alto ou baixo prestígio social, comprovando o que explica Moreno Fernández (1998): a mesma variedade pode ser objeto de atitudes positivas ou negativas, dependendo da avaliação que se faz do grupo a que pertence o usuário

dessa variedade. Portanto, as atitudes são, geralmente, a manifestação das preferências e convenções sociais acerca do *status* e do prestígio dos falantes.

A atitude linguística está relacionada à identidade linguística dos falantes. De acordo com Aguilera (2008), a língua não está desvinculada de seu contexto social, principalmente em sua condição de aspecto constituidor da identidade de determinado grupo étnico, pois é a língua que simboliza os limites que separam o “nós” e os “outros”, já que a língua que falamos identifica nossa origem, nossa história, nossa cultura e o grupo a que pertencemos.

Para Moreno Fernández, as línguas revelam significados e valores sociais:

Se puede decir que las actitudes tienen que ver con las lenguas mismas y con la identidad de los grupos que las manejan. Consecuentemente es lógico pensar que, puesto que existe una relación entre lengua e identidad, ésta ha de manifestar-se en las actitudes de los individuos hacia esas lenguas y sus usuarios [...] sobre todo cuando se trata de una identidad étnica. (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 180)

Aguilera (2008, p. 106), com base em Moreno Fernández, pondera que, “[...] na maioria das vezes, ao caracterizar um grupo ao qual não pertence, a tendência é o usuário fazê-lo de forma subjetiva, procurando preservar o sentimento de comunidade partilhado e classificando o outro como diferente”.

No que concerne às atitudes linguísticas dos falantes da cidade de Guaíra, Lamb Fenner (2013) avalia alguns resultados dos inquéritos, nos quais se verifica

[...] o prestígio do paraguaio e, principalmente, em relação à língua espanhola (ou espanhol paraguaio), mostrando que o contato estimulado pela situação de fronteira acabou atuando em favor da aceitação tanto da língua quanto de seus falantes. Não se pode esquecer que os brasileiros também se beneficiam da proximidade com Salto de Guairá, que, por ser uma cidade de turismo de compras, acaba movimentando também o comércio guaireense, além de favorecer as relações de trabalho e os negócios com os paraguaios. (LAMB FENNER, 2013, p. 251-252)

Em contextos multilíngues, as relações recebem influência de forças sociais que podem ser mensuradas nas posturas que favorecem um e outro grupo na tentativa de imprimir à fala uma identidade, dada a estreita relação entre língua e identidade. Nas falas dos entrevistados, observa-se a consciência do falante com respeito à diversidade linguística da comunidade em que vive: reconhecem a existência dos falares dos descendentes de imigrantes que ocuparam a localidade (italianos, alemães, japoneses etc.) e as interações em espanhol e guarani.

Segundo Busse e Sella (2012), nos inquéritos coletados por meio do Projeto CAL, três questões chamam a atenção:

[...] a consciência de que há falares distintos a depender das regiões; a adaptação processada com relação à língua e à cultura, mesmo que isso signifique a manutenção de traços do falar anteriormente adquirido; e, por fim, o estigma com relação a uma cultura que praticamente não está estabelecida no contorno do histórico da colonização da região e nem mesmo no perfil do falante da fronteira. (BUSSE; SELLA, 2012, p. 86-87)

Nos recortes das entrevistas em que havia menção ao espanhol falado na cidade de Guaíra, foi possível observar a influência do comércio e do turismo, o que retrata uma situação nada artificial de convivência com o diferente, mas de relação de aprendizado constante. Em muitos depoimentos, verificou-se que o preconceito ou o estigma ainda estão atrelados à noção de variedade padrão da língua, constituindo um aspecto ainda não superado no espaço escolar, quer no entendimento e na aceitação das variedades linguísticas, quer na compreensão de que, em situações mais formais, é esperado um português mais afeto à norma culta.

No que tange às atitudes em relação à fala do outro, vale esclarecer que o preconceito se refere a uma reação negativa frente ao objeto atitudinal – por exemplo, frente a determinada variedade ou grupo linguístico, especialmente os grupos que detêm pouco ou

nenhum prestígio social –, sem que haja um exame crítico da razão pela qual se pensa desse modo. Já o estigma “[...] vai além do preconceito, é mais forte e mais inibidor. Este termo remete a atitudes negativas, que marcam o estigmatizado para o resto da vida” (BERGAMASCHI, 2006, p. 46). Assim, por se tratar de uma “marca” que identifica negativamente o falante, entende-se que o estigma só pode ser imputado por outros, diferentemente do preconceito, que pode ser atribuído tanto ao “outro” e à sua variedade como também ao próprio grupo e à própria variedade (CORBARI, 2013).

### 3 UM OLHAR PARA OS FALARES DE GUAÍRA: O ESPAÇO DO ESPANHOL E DO GUARANI

Para a discussão dos dados coletados e dos resultados obtidos, consideraram-se somente respostas em que os falantes mencionaram as variedades faladas pelos paraguaios: o espanhol ou castelhano (ou, ainda, paraguaio), o guarani e o jopará. Nesse sentido, não foram consideradas propriamente as variáveis faixa etária, gênero e nível de escolaridade, tão importantes nos vários segmentos das pesquisas desenvolvidas no escopo do Projeto CAL, mas que não se tornaram relevantes para uma sondagem relativa a preconceito ou estigma de forma generalizada.

Nesse trajeto de sondar as crenças com relação ao falar do outro na cidade de Guaíra, observou-se que predominavam avaliações referentes ao espanhol e, em alguns casos, ao guarani e ao jopará (embora, neste último caso, os informantes não usem essa denominação). Por conseguinte, a seleção das falas para esta análise limitou-se especificamente a esse aspecto. Não foram consideradas as perguntas que geraram as respostas selecionadas para este estudo, pois nossa avaliação pautou-se mais detidamente na questão lexical como aspecto revelador das crenças.

Observa-se a consciência de alguns entrevistados do que seja uma variedade padrão, considerando, talvez, as variedades faladas na fronteira como detentoras de um estatuto de menor prestígio. O Informante 11 revela sua percepção sobre um falar padrão do espanhol, o que serve de parâmetro para avaliação do falar que se realiza na fronteira.

(1) **É espanhol... forçado pela necessidade**, né, trabalhando... trabalho há mais de trinta anos no Paraguai, então a gente fala... assim, **esse espanhol que se pratica na fronteira** aí, né, **um dialeto da região** (Inquérito 11).

Os depoimentos dos Informantes 13 e 17 mostram a adaptação ao contexto de multiculturalidade e tentativas reais de apropriação do falar do outro:

(2) Eu falo o português, né, natural da nossa nacionalidade, e **arranho** um pouquinho o espanhol, né (Inquérito 13).

(3) Ó, para dizer a verdade, eu **tento falar bem o português**. Conheço **um pouco de espanhol** [...]. Mas eu procuro me aprimorar mais na minha língua. **O espanhol, por necessidade de fronteira** (Inquérito 17).

Os informantes consideram tanto a necessidade de usar o espanhol quanto a busca por esse aprimoramento. Por outro lado, nota-se que os enunciados “tento falar bem o português” e “procuro me aprimorar mais na minha língua” indicam a crença de que há um português que deve ser falado de acordo com determinadas regras de aceitação.

Observa-se, também, o sentimento decorrente do que se convencionou chamar de globalização, mas que, num contexto de fronteira como o afeto à presente pesquisa, há espaços de convivência real e que são exemplos claros da necessidade de lidar com o fluxo cultural e linguístico. O Informante 14 chega a explicitar esse sentimento ao recorrer ao vocábulo ‘globalização’ para denotar sua percepção sobre essa nova forma de receber a cultura do outro, mesmo que, para ele, seja algo distante de sua crença, o que fica perceptível no vocábulo ‘negócio’. Além disso, manifesta, em sua fala, a crença de que há uma variedade da língua materna que é “bem falada” e que ele não domina:

(4) Olha, **mal e mal eu falo o português** [risos], mas agora eu **entrei na... no curso de inglês e no curso de espanhol**. Acho que daqui uns anos, se a gente não aprender falar **outras língua**, acho que a gente vai ser **um pouco analfabeto**. Porque hoje... você vê... **com esse negócio de globalização...** vamos ver (Inquérito 14).

Os Informantes 11 e 18 revelam a realidade do deslocamento cultural e linguístico a que estão expostos os falantes da fronteira e que servem de testemunho de um Brasil composto por mais de um grupo étnico, por um contato cultural, histórico e linguístico que anuncia relações das mais diversas naturezas (políticas, sociais, econômicas etc.), as quais se manifestam em muitos momentos e espaços:

(5) Se a senhora for ali na... entrevistar alguém ali na Vila Velha, nós temos ali pessoas, né, **descendentes natos, são filhos de... de paraguaios**, né, mas **naturalizado brasileiro**, [...] nós temos ali pessoas idosas ali que... que têm assim conhecimento mais profundo da história aqui de... de Guáira, história do... ainda quando os espanhóis, né, passavam por aqui [...]. Nós temos aí várias pessoas aí de setenta anos a oitenta, né. A Vila Velha é... é... **a população da nossa Vila Velha aqui, oitenta por cento é descendente de espanhol, paraguaio** (Inquérito 11).

(6) [...] os paraguaios que moram aqui [falam entre si na língua materna]. Às vezes, os libaneses, né, os turcos, né, que têm aqui às vezes entre eles conversam. Ah, e os japoneses também. Esqueci da colônia japonesa, até mais japoneses do que os turcos. Na feira, por exemplo, tem uma banca de japonesa, e vem outra japonesa falar em japonês. Isso é comum. **Guarani ou o castelhano, você encontra normalmente**. E como eu dei aula, **é comum a gente receber alunos do Paraguai aqui. E daí não escreve e não fala o português** (Inquérito 17).

Na fala dos Informantes 9, 10 e 18, expressa-se a crença de que o guarani é uma língua difícil de ser entendida pelos guairenses:

(7) É o guarani, né, que eu **não entendo nada** [risos]. O guarani é **terrível** (Inquérito 9).

(8) [...] É uma **linguinha terrível**, hein? Humm... tanto é que nunca aprendi falar nada em guarani, é muito complicado (Inquérito 10).

(9) [...] É que tem o guarani, que você **não entende nada**, certo? E tem o castelhano, que nós entendemos, que é uma mistura, né, do espanhol com o guarani, né, esse dá pra gente entender (Inquérito 18).

Observa-se que o Informante 18 designa como castelhano a mistura do espanhol com o guarani, que, mais apropriadamente, se denomina jopará. É possível que o Informante 6, na fala a seguir, também estivesse interpretando o jopará como castelhano:

(10) Sim, os paraguaio ali, o castelhano [...], então eles conversa em **língua castelhana**, né. É tudo **diferente da nossa, meio embolado**, né. Eles conversando entre eles, **cê não entende nada. Bem difícil** (Inquérito 6).

Há um sentimento de que o guarani é usado quando o falante não quer se fazer entendido pelo interlocutor, falante de português, como expressam os Informantes 9 e 16:

(11) Não, às vezes eles [os paraguaios] param [de falar em espanhol], quando **não querem que a gente entenda**, né, porque eles sabem que a gente na fronteira entende bastante, e **começam falar em guarani** daí, aí eu dou bronca neles, “hei, vamos falar em castelhano que eu entendo, **guarani eu não entendo nada**” [risos] (Inquérito 9).

(12) Tem uns que continuam [falando em guarani]. E tem outros que param, né, param é a... principalmente no comércio, a gente chegar no comércio e estão falando em guara... em guarani, tem uns que falam, perguntam, né, **em espanhol pra gente entender**. Outros não, outros faz questão de **continuar falando guarani pra não entender mesmo** (Inquérito 16).

Porém, há situações em que os informantes mostraram apreço à cultura e à língua guarani, como exemplifica o Informante 11, ao falar do caráter sintético dos itens lexicais (no sentido de uma única palavra carregar significado complexo) dessa língua:

(13) Olha, eu acho que o guarani, pra quem escuta... é... parece ser mais bonita, né, apesar que é a maneira deles... deles acentuarem ela... nós temo, por exemplo, “Itaipu”, é guarani, né, quer dizer em guarani, **eles usam com poucas letras**, eles... eles... eles consegue... é... **completar o raciocínio deles com poucas letras**. “Itaipu” em guarani quer dizer “a pedra que canta”, né, “a pedra que canta”. Então, eles tinham que olhar a pedra que canta, Itaipu (Inquérito 11).

Os atributos dados ao castelhano e ao espanhol, de maneira geral, foram positivos:

(14) Eu acho **lindo o castelhano**, eu acho **maravilhoso o castelhano**. [...] Mas o castelhano eu adoro, o castelhano... **o espanhol é sensacional**, eu gosto dele (Inquérito 9).

(15) [...] o espanhol, né, que eu acho que ele é **poético, harmônico**, né [...] (Inquérito 17).

As palavras em destaque revelam uma avaliação positiva do espanhol, que se reflete no desejo dos guairenses de que essa língua seja ensinada nas escolas: todos os informantes são favoráveis à inclusão, no currículo escolar, das línguas faladas na localidade (diferentes do português), e as mais citadas foram as variedades faladas no Paraguai: espanhol/castelhano/paraguaio/guarani. Ressalta-se que, quando se referem ao ‘paraguaio’, os informantes não deixam claro se estão se referindo ao espanhol ou ao guarani, assim como quando se referem ao castelhano, pois, conforme já visto, essa denominação parece, às vezes, incluir a interferência do guarani – sendo equivalente, portanto, ao jopará.

O Informante 17 relata que o guarani predominava na década de 70, mas que, naquela época, também se falava o espanhol e o português. Demonstra consciência do *status* do espanhol e do guarani no Paraguai, em decorrência de fatores históricos. O informante também reconhece o atual cenário multilíngue e multicultural:

(16) Bom, quando cheguei em Guaíra em 1970, a gente havia... é... conhecia muitas pessoas, **os antigos de Guaíra né, que tinham descendência paraguaia e falavam muito o guarani**, né. **Falavam o espanhol e o português**, é claro o português predominava, mas aquelas pessoas antiga, quando eu vim pelo exército, muitos soldados antigo do exército, **falavam inclusive o guarani, tinham descendência de bugre, índia mesmo**, né. Porque **a língua oficial do paraguaio é o guarani, o espanhol foi uma questão de... de conquista e conquistado**, né. **Aqui tem gente também que fala alemão, fala italiano, fala inglês**, mas o mais forte para a gente caracterizar a cidade de Guaíra num contexto, seria, na minha época que eu cheguei, o guarani, o espanhol e o português. **O japonês também** tem uma colônia bastante forte de Guaíra (Inquérito 17).

Nos recortes de fala a seguir, ficam evidentes os reflexos, no plano linguístico, do contato cultural contínuo presente na cidade de Guaíra, nos quais as variedades faladas pelos paraguaios constituem uma realidade do cotidiano. Os excertos das falas dos Informantes 6, 7, 9 e 17 demonstram a consciência em relação ao contato com os falantes do Paraguai e mesmo da Argentina. E essa consciência aponta para um falar de fronteira, que é distinto, portanto, de uma variedade de prestígio, ou distinto do falar de outras regiões:

(17) Olha, eu até que eu já vi falar muita. Geralmente o **habra, habra** [= *habla*]. **Habra** é a deles, assim. Acho que pra pessoa entender, “vai **habrá, habrá**”, um negócio meio assim (Inquérito 6).

(18) INF.- Espanhol? **Usted**.

INQ.- **Usted**. Que é...?

INF.- ‘Você’, não, não é ‘você’, né?

INQ.- É. Tem alguma outra que você lembra...?

INF.- Vamos ver... é... **peluquería**, que é ‘cabeleireiro’ (Inquérito 7).

INF.- **O espanhol argentino na fronteira eles falam de um jeito, mais lá pra dentro de outro jeito.**

INQ.- E o senhor poderia dar um exemplo?

INF.- Sim, por exemplo, ‘martelo’, nós falamos, eles falam *martijo* [= *martillo*] lá perto de Buenos Aires, aqui na fronteira, eles falam *martilho* [= *martillo*], então tem essa diferença.

INQ.- E o senhor poderia dar um exemplo do espanhol paraguaio?

INF.- É praticamente a mesma coisa, mais lá pra Assunção eles falam assim também, como *martijo*, e aqui na fronteira, eles **misturam o “ele” com o “agá”, *martilho***, mais ou menos assim, né? Então... **o argentino e o paraguaio falam praticamente a mesma língua... a não ser o guarani, que é só no Paraguai** (Inquérito 9).

(19) INF.- Por exemplo, o espanhol real *calle*, né. E no argentino *caje* [= *calle*], né, o ‘ele ele’ passa ter um som de ‘jota’, né, ou ‘gê’, se for o caso. Então isso é uma terminologia quase que regional, explicar por quê a gente não sabe né. Uma outra coisa interessante com relação ao espanhol é... o pneu em... no espanhol é *pneumáticos*, né, e a gente conhece aqui como *cubiertas*. (Inint.) *las cubiertas*, não é ‘cobertores’ e sim ‘pneu’.

[...]

INQ.- E você teria um exemplo do **espanhol paraguaio**?

INF.- É, seria praticamente igual ao paraguaio [...] (Inquérito 17).

Observe-se, ainda, o recorte das falas do Informante 18, demonstrando conhecimento de alguns itens lexicais resultante do uso motivado pela necessidade de comunicação:

(20) INF.- Ah, sim, por exemplo, no Brasil, por exemplo, nós, no português, quer dizer, é ‘açougue’, não é? Em espanhol é *carnicería*, tá. É... quer ver... o sonho...

INQ.- Aquele doce?

INF.- Doce... lá é *ollo*, em espanhol é *ollo*. Frango é *pollo*... é *pollo*. Então, no espanhol a gente acaba... é... por exemplo, filha é *hija*... é *hija*, tá. Ninguém pede licença, é *permiso*... tá. Então **a gente sabe muitas palavras, a gente não usa**, cê entendeu? Mas às vezes, **se a gente tá conversando com algum deles, a gente acaba se falando**, cê entendeu? **De tanto que eles falam pra gente, a gente res... responde também no espanhol** (Inquérito 18).

Esse recorte representa a familiaridade dos guairenses com o espanhol, o que é um dado revelador do quanto o contato linguístico produz o movimento de atitudes com relação, por exemplo, à necessidade de entender itens lexicais.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível observar, a partir das entrevistas, que os falantes de língua portuguesa de Guaíra acabam incorporando muito do léxico espanhol ou têm consciência de que precisam apreender o significado de itens lexicais que fazem parte da interação cotidiana, movida principalmente por relações comerciais. Com relação ao guarani e jopará, verificou-se que boa parte dos informantes não sabia ou não se lembrava de nenhum vocábulo em guarani (apenas dois informantes citaram exemplos em guarani). Alguns desses informantes alegaram que o guarani é uma língua muito difícil de entender, dificultando a aprendizagem.

Segundo Navarro (2004), a língua guarani do Paraguai, embora tenha definido a própria identidade nacional do país, foi durante muito tempo a língua da informalidade, não tendo vez na escola e nos demais ambientes oficiais. O autor expõe que essa “[...] influência faz do guarani paraguaio um autêntico ‘jopará’ (mistura, mescla, em guarani), que lentamente destrói os traços autenticamente indígenas do guarani” (NAVARRO, 2004, p. 127). O autor ainda explica que foram incorporadas, ao guarani paraguaio, entre 4.500 e 5.000 palavras castelhanas, o que evidencia o *status* de prestígio da língua espanhola, elevando-a à “língua de cultura” em oposição ao guarani, considerado como “dialeto inculto”.

De modo geral, os informantes concebem a língua majoritária – no caso, o espanhol –, em sua variedade padrão, como a mais apropriada a diversas situações de interação, sendo mais bem avaliada pelos falantes bilíngues do que a língua minoritária – no caso, o guarani – ou mesmo a variedade não padrão da língua majoritária. Esse tipo de avaliação pode encontrar eco nos epítetos usados para qualificar as variedades linguísticas faladas na localidade, como se constatou na análise.

Observou-se que os informantes têm consciência de que estão imersos num ambiente de línguas em contato e que há diferenças entre tais línguas no nível lexical e fonético-fonológico. Outro dado interessante foi a percepção de que o português falado na fronteira não é o português ideal (a norma padrão), o que revela uma avaliação negativa da variedade efetivamente falada nesse espaço, como se houvesse uma sensação de inferioridade com relação ao português padrão, visto como demarcador de uma classe social que comanda as relações diplomáticas e econômicas.

O estudo, enfim, revela relações culturais e linguísticas típicas de região de fronteira e, ao mesmo tempo, de ocupação por (i)migrantes, configurando um espaço marcado, portanto, pelo histórico de línguas em contato. Tal fato não deve ser desconsiderado, principalmente no que diz respeito à necessidade de políticas linguísticas adequadas à realidade dessa região, tais como, por exemplo, a inserção, no currículo escolar, dessas línguas faladas na fronteira, tanto no sistema educacional brasileiro como no paraguaio.

No âmbito das pesquisas sociolinguísticas, esse espaço fronteiriço enseja estudos das variedades aí faladas, inclusive as variedades híbridas, bem como aprofundamentos no estudo das atitudes linguísticas, que, conforme Moreno Fernández (1998) e Aguilera (2008), estão relacionadas à identidade linguística dos falantes.

## REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. A. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 2, n. 37, p. 105-112, maio/ago. 2008. Disponível em: <[www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL\\_V37N2\\_11.pdf](http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N2_11.pdf)>. Acesso em: 12 fev. 2018.
- ALMEIDA, P. M. C.; DUARTE, A. L. B. Ensino do português no contexto do Mercosul: revisitando o passado para compreender o presente e planejar futuras ações. *Horizontes de Linguística Aplicada*, Brasília, v. 9, n. 2, p. 13-35, 2010. Disponível em: <[periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/view/5663](http://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/view/5663)>. Acesso em: 15 fev. 2018.
- BERGAMASCHI, M. C. Z. *Bilingüismo de dialeto italiano-português*: atitudes lingüísticas. 2006. 154 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, 2006. Disponível em: <<https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/180>>. Acesso em: 12 fev. 2018.
- BUSSE, S.; SELLA, A. F. Uma análise das crenças e atitudes linguísticas dos falantes do Oeste do Paraná. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 15, n. 1, p. 77-93, jun. 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/11771>>. Acesso em: 18 fev. 2018.
- CARRETER, F. L. *Diccionario de términos filológicos*. Madrid: Gredos, 2008.
- CORBARI, C. C. *Atitudes linguísticas: um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste*. 2013. 259 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.
- FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3 ed. Curitiba: Positivo, 2004.
- HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. *Psicologia social*. Tradução por Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

LAMB FENNER, A. *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo comparativo de línguas em contato em duas comunidades do Oeste Paranaense*. 2013. 268 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

MORENO FERNÁNDEZ, F. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 1998.

NAVARRO, E. A. O domínio da língua castelhana sobre o guarani paraguaio. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 29, p. 127-137, maio/ago. 2004. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/rph/ANO10/29/009.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

PASTORELLI, D. S. *Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Capanema: um estudo da relação do português com línguas em contato*. 2011. 204 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

SANTANA, V. R. *Crenças e atitudes linguísticas de falantes de Foz do Iguaçu*. 2012. 283 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2012.

SILVA-PORELI, G. A. *Crenças e atitudes linguísticas na cidade de Pranchita – PR: um estudo das relações do português com línguas em contato*. 2010. 114 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

**Recebido em 07/03/2018. Aceito em 27/05/2018.**